



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

**Ivanna dos Santos da Rocha**

**Educação como instrumento de Hegemonia:**

**Como os Estados Unidos influenciaram a Coreia do Sul com bolsas de intercâmbio**

Brasília  
2025



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

**Ivanna dos Santos da Rocha**

**Educação como instrumento de Hegemonia:**

**Como os Estados Unidos influenciaram a Coreia do Sul com bolsas de intercâmbio**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas na Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em História

**Orientador: Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes**

**Brasília, fevereiro de 2025**

## RESUMO

Esta pesquisa analisa a influência dos Estados Unidos na Coreia do Sul durante a Guerra Fria, especialmente através de programas de intercâmbio educacional. O estudo investigou como esses programas influenciaram as elites intelectuais e políticas sul-coreanas, promovendo valores alinhados aos interesses norte-americanos. A pesquisa explora o conceito de imperialismo cultural, utilizando teorias de Edward Said, e contextualiza a atuação da *United States Information Services* (USIS) na Coreia do Sul. O trabalho também discute as contradições desse processo, incluindo o fortalecimento do sentimento antiamericano na sociedade sul-coreana. A presente pesquisa estrutura-se em três eixos principais: a influência estrangeira na Coreia, desde o colonialismo japonês até a hegemonia americana; a educação como ferramenta de dominação cultural e política; e a avaliação dos efeitos desses programas no desenvolvimento do país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Coreia do Sul; Imperialismo Cultural; Intercâmbio Educacional; Guerra Fria.

**ABSTRACT**

This research analyzes the influence of the United States on South Korea during the Cold War, particularly through educational exchange programs. The study investigates how these programs shaped South Korea's intellectual and political elites, promoting values aligned with American interests. It explores the concept of cultural imperialism, drawing on Edward Said's theories, and contextualizes the role of the United States Information Services (USIS) in South Korea. The research also discusses the contradictions of this process, including the strengthening of anti-American sentiment in South Korean society. This study is structured around three main axes: foreign influence in Korea, from Japanese colonialism to American hegemony; education as a tool of cultural and political domination; and an assessment of the effects of these programs on the country's development.

**KEYWORDS:** South Korea; Cultural Imperialism; Educational Exchange; Cold War.

*“Dizem que isto é felicidade: nunca sentir que seria melhor estar em outro lugar, nunca sentir que seria melhor ser alguém que não você. Outra pessoa. Alguém mais jovem, mais velho. Alguém melhor.”*

**(Alejandro Zambra)**

## SUMÁRIO

|                                                                                                                           |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                   | <b>7</b>  |
| <b>CAPÍTULO I – A influência Estrangeira na Coreia: do imperialismo japonês à hegemonia americana .....</b>               | <b>10</b> |
| 1.1 Interferências estrangeiras .....                                                                                     | 10        |
| 1.2 Imperialismo Cultural e Hegemonia dos EUA durante a Guerra Fria .....                                                 | 13        |
| <b>CAPÍTULO II – Educação como ferramenta de influência cultural: o financiamento de bolsas de estudo pelos EUA .....</b> | <b>16</b> |
| 2.1 Histórico dos programas de intercâmbio educacional .....                                                              | 16        |
| 2.2 Objetivos declarados e implícitos do programa de intercâmbio .....                                                    | 19        |
| 2.3 Destinatários das bolsas: perfil socioeconômico, áreas de estudo e resultados esperados .....                         | 23        |
| 2.4 Limitações do programa .....                                                                                          | 26        |
| <b>CAPÍTULO III – Impactos do Programa de Intercâmbio Educacional na Sociedade Sul-Coreana .....</b>                      | <b>29</b> |
| 3.1 Transformação da elite intelectual e política sul-coreana .....                                                       | 29        |
| 3.2 Impacto na educação e no sistema universitário .....                                                                  | 32        |
| <b>Considerações Finais .....</b>                                                                                         | <b>34</b> |
| <b>Referências Bibliográficas .....</b>                                                                                   | <b>35</b> |

## INTRODUÇÃO

A influência dos Estados Unidos na Coreia do Sul, especialmente no período pós-Segunda Guerra Mundial, foi determinante para a formação da estrutura política, econômica e cultural do país. Em meio à rivalidade ideológica entre os blocos capitalista e comunista, os EUA implementaram estratégias hoje consideradas de *soft power*, incluindo o financiamento de bolsas de estudo e intercâmbios acadêmicos, para consolidar sua presença na região. Esses programas educacionais não apenas permitiram a especialização de estudantes sul-coreanos, mas também serviram como uma ferramenta estratégica para influenciar as elites intelectuais e políticas do país.

O conceito de Imperialismo Cultural, amplamente debatido por estudiosos como Edward Said (1995) e Herbert Schiller (1976), ajuda a compreender o impacto dessa influência educacional. Said argumenta que a imposição cultural de uma potência dominante sobre uma sociedade subalternizada ocorre por meio de mecanismos simbólicos, como a educação e a mídia. Schiller, por sua vez, destaca o papel dos Estados Unidos na difusão de valores ocidentais como forma de controle ideológico e político. Esses debates teóricos são fundamentais para analisar como os programas de intercâmbio não apenas disseminaram conhecimento, mas também legitimaram uma visão de mundo alinhada aos interesses norteamericanos.

No contexto da Guerra Fria, a política cultural dos EUA na Coreia do Sul foi amplamente apoiada por instituições governamentais e privadas, como a Agência de Informação dos Estados Unidos (*United States Information Services – USIS*), a Fundação Ford e a Comissão Fulbright<sup>1</sup>. Segundo Wol-san Liem, a USIS desempenhou um papel central na formulação de estratégias educacionais que visavam criar uma elite pró-americana na Coreia do Sul. Os programas de intercâmbio focavam principalmente em acadêmicos, jornalistas, políticos e profissionais da administração pública, setores estratégicos para a disseminação da ideologia capitalista e da democracia liberal<sup>2</sup>.

Bruce Cumings (2005) destaca que a relação entre os EUA e a Coreia do Sul, embora baseada em um discurso de cooperação, foi marcada por um histórico complexo de dependência e resistência. Durante os regimes autoritários de Syngman Rhee (1948-1960) e Park Chung-Hee (1961-1979), os EUA priorizaram a estabilidade política da região, muitas

---

<sup>1</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the 'truth' to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 218

vezes apoiando governos repressivos em detrimento dos ideais democráticos que promoviam<sup>3</sup>. Esse paradoxo gerou tensões na sociedade sul-coreana e contribuiu para o crescimento do sentimento antiamericano, especialmente entre estudantes e intelectuais que viam a aliança com os EUA como uma forma de neocolonialismo<sup>4</sup>.

Diante desse contexto, esta pesquisa busca analisar como os programas de bolsas de estudo financiados pelos EUA influenciaram a sociedade sul-coreana nas décadas de 1950 e 1960. A principal questão que norteia este estudo é: de que forma o financiamento educacional pelos EUA impactou os aspectos culturais, educacionais e políticos da Coreia do Sul?

Para responder a essa problemática, a pesquisa tem os seguintes objetivos: Investigar o contexto histórico da influência americana na Coreia do Sul durante a Guerra Fria; examinar os programas de intercâmbio educacional e seus impactos na formação de elites sul-coreanas e avaliar os efeitos socioculturais e políticos dessa influência no longo prazo, considerando tanto a cooperação quanto a resistência local.

A justificativa para este estudo reside na relevância acadêmica, histórica e social do tema. Compreender a interseção entre política educacional e hegemonia cultural permite uma análise mais ampla dos mecanismos de dominação simbólica e de sua resistência. Além disso, o impacto dessas políticas ainda se reflete na sociedade sul-coreana contemporânea, influenciando as relações bilaterais com os EUA e o sistema educacional do país.

Metodologicamente, a pesquisa será conduzida por meio de análise bibliográfica e documental, utilizando obras de referência sobre a história da Coreia do Sul<sup>5</sup>, estudos sobre imperialismo cultural<sup>6</sup> e investigações específicas sobre os programas de intercâmbio educacional<sup>7</sup>.

Este trabalho está estruturado em três capítulos, seguidos da conclusão. O Capítulo I apresenta o contexto histórico das interferências estrangeiras na Coreia, com foco no período

---

<sup>3</sup> CUMINGS, Bruce. *Korea's Place in the Sun: A Modern History*. New York: W. W. Norton & Company, 2005, p.312.

<sup>4</sup> MOON, Katharine H. S. *Korean Nationalism, Anti-Americanism, and Democratic Consolidation*. In: KIM, Samuel S. (ed.). *Korea's Democratization*. Cambridge: Cambridge University, 2009.

<sup>5</sup> CUMINGS, Bruce. *Korea's Place in the Sun: A Modern History*. New York: W. W. Norton & Company, 2005. BRAZINSKY, Gregg. *Nation Building in South Korea: Koreans, Americans, and the Making of a Democracy*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2007.

<sup>6</sup> SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. SCHILLER, Herbert. *Communication and Cultural Domination*. New York: International Arts and Sciences Press, 1976.

<sup>7</sup> LIEM, 2010. MOON, 2009.

colonial japonês e na Guerra da Coreia. O Capítulo II analisa a política educacional norte-americana, destacando os programas de intercâmbio e sua relação com a estratégia imperialista dos EUA. O Capítulo III investiga os impactos desses programas na sociedade sul-coreana, enfatizando a formação de elites, as mudanças no sistema educacional e o fortalecimento do sentimento antiamericano. Por fim, as Considerações Finais sintetizam as principais descobertas e discute o legado dessas políticas para a Coreia do Sul contemporânea.

Dessa forma, este estudo pretende contribuir para o entendimento das dinâmicas de influência cultural durante a Guerra Fria e seus desdobramentos na Coreia do Sul, oferecendo uma análise sobre a interseção entre educação, política e Imperialismo Cultural.

## **CAPÍTULO I – A influência Estrangeira na Coreia: do colonialismo japonês à hegemonia americana**

### **1.1 Interferência estrangeiras**

A história da Coreia, a partir do final do século XIX, foi marcada por profundas transformações políticas, invasões imperialistas e conflitos ideológicos que moldaram a nação até a atualidade. Historicamente, a Coreia da dinastia Joseon (1392-1910), vivia sob forte influência chinesa e com as fronteiras fechadas para o resto do mundo. No entanto, a estabilidade da península começou a ser abalada com a presença estrangeira na região, especialmente japonesa e de potências ocidentais<sup>8</sup>.

A crescente interferência do Japão, que estava evoluindo para construir um Estado moderno e empenhado em emparelhar-se militar e tecnologicamente com os ocidentais, forçou a Coreia a assinar o Tratado de Ganghwa (1876), que abriu os portos coreanos ao comércio japonês e reduziu a influência chinesa na região. Essa manobra aumentou a tensão com a China, que na intenção de reafirmar sua influência na península, culminou na Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895). O Japão sai vencedor da guerra e a China perde sua hegemonia sobre a Coreia, que se torna um Estado independente sob influência japonesa.<sup>9</sup>

Há uma tentativa de modernizar e se manter independente após a proclamação do império coreano (1897), no entanto os esforços são em vão quando a península coreana é reduzida a um terreno de disputa entre o Japão e a Rússia, que entrava em cena no nordeste asiático. Com a vitória do Japão na Guerra Russo-Japonesa (1904-1905), o Japão consolida sua posição de controle da Coreia, que culminaria na anexação e colonização do território coreano no início do século XX.<sup>10</sup>

Vale destacar, que a dominação e colonização da Coreia pelo Japão aconteceu com o aval de potências internacionais, principalmente dos Estados Unidos, e que mesmo com a perseverança do governo coreano em manter a sua independência e soberania, de nada adiantou. Com a assinatura do Tratado de Protetorado de 1910 “O império coreano, com mais de quatro mil anos de tradição e quinhentos anos de dinastia, teve seu termo efetivo nas mãos japonesas.”<sup>11</sup>

---

<sup>8</sup> UNZER, Emiliano. *História da Ásia*. 2. ed. Revisada. [S.l.]: Independente, 2019.

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> CUMINGS, 2005.

<sup>11</sup> UNZER, 2019, p. 492.

Com a anexação oficial em 1910, o processo de colonização foi fortemente implementado, mesmo com a resistência dos coreanos. “Os japoneses não foram capazes de convencer a população coreana do seu projeto modernizador, resultando em anos de conflitos contra resistentes” “a antipatia e resistência coreana persistiu por décadas”<sup>12</sup>. Sendo assim, o domínio japonês foi imposto militarmente, sem o poder de convencimento. A partir disso, uma série de iniciativas de assimilação cultural, exploração econômica e repressão brutal, que tinham o intuito de apagar a identidade coreana, são aplicadas.

Em agosto de 1911, o governo aprovou leis que desencorajavam os coreanos a receberem educação superior e ter acesso ao estudo da área das humanidades e ciências sociais, incluindo sua própria história e geografia. Foram, contudo, incentivados a aprender a língua japonesa, e promovia-se como heróis os coreanos que tinham colaborado com a administração japonesa. Em 1912, ano da morte do imperador Meiji, todos os eventos coreanos de celebração e festa foram terminantemente proibidos.<sup>13</sup>

Uma série de outras políticas visando à incorporação dos coreanos ao império japonês, foram implementadas nos anos seguintes. Em março de 1938, foi decretado pelo governador-geral que todas as escolas deveriam usar apenas a língua japonesa, e que todos os estudantes deveriam falar o idioma, mesmo em casa, e jornais coreanos foram fechados. Em 1939, foi decretado que todos os coreanos deveriam adotar sobrenomes japoneses.<sup>14</sup>

A resposta coreana foi marcada por várias formas de resistência, desde movimentos armados nas regiões rurais, até protestos pacíficos que foram brutalmente reprimidos pelas forças coloniais japonesas. A ocupação só tem fim em 1945, após o fim da Segunda Guerra Mundial, quando o Japão se rende e se retira do território. No entanto, o impacto da colonização japonesa se faz sentir muito além de 1945. A divisão e subsequente Guerra da Coreia (1950-1953) foram, em parte, consequências do vácuo de poder deixado pelo fim do domínio japonês.<sup>15</sup>

Sendo o pano de fundo para a análise desse trabalho, a relação entre os Estados Unidos e a Coreia do Sul é um dos aspectos centrais da dinâmica política no leste asiático no pós-Segunda Guerra Mundial e revela um histórico complexo de aliança, dependência e tensões. Através da lente de Bruce Cumings, em seu livro *Korea's place in the sun* (2005), é possível compreender como essa relação foi moldada por interesses geopolíticos e estratégicos dos EUA, principalmente no contexto da Guerra Fria.

---

<sup>12</sup> Ibidem, p. 494.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 494.

<sup>14</sup> UNZER, Emiliano. *História da Ásia*. 2. ed. Revisada. [S.l.]: Independente, 2019, p. 494/495.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 495.

O fim da Segunda Guerra Mundial trouxe a divisão da Península Coreana entre a influência soviética ao norte e a americana ao sul. Cumings (2005) destaca que essa divisão não foi fruto de um movimento orgânico dentro da Coreia, mas sim uma decisão arbitrária entre Washington e Moscou, que dividiram o país ao longo do paralelo 38. A partir disso, estabeleceram-se dois governos distintos: no Norte, um regime comunista liderado por Kim Il-Sung, e no Sul, um governo nacionalista sob Syngman Rhee, apoiado pelos EUA.

A Guerra da Coreia (1950-1953) resultou da tentativa de reunificação da península sob liderança de um dos blocos. Para Cumings (2005), o conflito não foi meramente uma agressão do Norte contra o Sul, como muitas narrativas ocidentais sugerem, mas um confronto de forças internas intensificado pela polarização da Guerra Fria. Os EUA intervieram militarmente para conter a expansão comunista, enquanto a China e a União Soviética apoiaram Pyongyang. O resultado foi uma guerra violenta que mergulhou o país em caos e incertezas, deixando mais de 2,5 milhões de mortos entre militares e civis. Após 3 anos do conflito, as duas partes assinaram o armistício que solidificou a divisão da Coreia até os dias atuais.

Nos anos seguintes à guerra, a Coreia do Sul passou por uma série de regimes autoritários. Syngman Rhee, apesar de seu discurso anticomunista alinhado aos EUA, governou de forma ditatorial até ser deposto em 1960, quando a Revolução de Abril, liderada pelo movimento estudantil, derrubou o governo. Mesmo com a instauração da Segunda República da Coreia do Sul, um golpe militar em maio de 1961 trouxe ao poder o general Park Chung-Hee, que, com forte apoio dos Estados Unidos, consolidou um regime altamente repressivo. Segundo Cumings (2005), os EUA priorizaram a estabilidade política e a segurança estratégica na região, muitas vezes ignorando ou até mesmo incentivando a repressão interna para garantir um governo aliado.

Embora os EUA tenham expressado preocupação com os direitos humanos, sua política prática focava na contenção comunista, resultando em apoio contínuo a regimes autoritários sul-coreanos. A presença dos EUA na Coreia do Sul não se limitou ao apoio político, mas se expandiu para os campos militar, econômico e cultural. Desde o fim da Guerra da Coreia, os Estados Unidos mantêm uma presença militar significativa no país, com bases e milhares de soldados estacionados, justificando essa presença como essencial para a segurança contra a ameaça do Norte.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> CUMINGS, 2005.

Economicamente, Cumings (2005) enfatiza o papel do investimento e dos auxílios financeiros dos EUA na transformação da Coreia do Sul em uma das potências industriais da Ásia. Nos anos 1960 e 1970, o governo sul-coreano adotou uma estratégia de industrialização orientada para exportação, que ficou conhecido como Milagre do Rio Han, que se beneficiou do apoio econômico americano. Grandes conglomerados, como Samsung e Hyundai, cresceram nesse período, impulsionados por incentivos governamentais e abertura ao mercado global. No âmbito cultural, a influência dos EUA é evidente na popularização de produtos culturais ocidentais, incluindo filmes, músicas e estilo de vida.

A intervenção dos EUA foi fundamental na formação do estado sul-coreano, influenciando não apenas a estrutura política e econômica, mas também aspectos culturais e educacionais. No entanto, essa relação também carregou contradições, especialmente no apoio a regimes autoritários em nome da segurança regional.

## **1.2 Imperialismo Cultural e Hegemonia dos EUA durante a Guerra Fria**

A Guerra Fria (1947-1991) foi marcada pela disputa geopolítica entre os Estados Unidos e a União Soviética, envolvendo não apenas conflitos militares indiretos, mas também batalhas ideológicas e culturais. A disseminação de valores e estilos de vida tornou-se uma estratégia essencial para a consolidação da hegemonia norte-americana. Dessa forma, o Imperialismo Cultural, representou a imposição de padrões culturais, econômicos e ideológicos dos EUA sobre outros países, muitas vezes com o objetivo de enfraquecer a influência soviética.<sup>17</sup>

Edward Said, em *Orientalismo* (1995), expõe o imperialismo cultural como um conceito que descreve a influência de uma potência dominante sobre outra sociedade através de meios culturais, como a língua, a educação, a mídia e o consumo de bens simbólicos. Ao contrário do imperialismo territorial, que se baseia na ocupação física de territórios, o imperialismo cultural opera através da disseminação de valores, ideias e práticas que moldam a identidade e as instituições das sociedades vistas como subalternas. O argumento de Said é que o Ocidente construiu narrativas sobre o Oriente que justificavam sua dominação

O conceito está intimamente ligado à teoria da hegemonia de Antonio Gramsci. Na sua perspectiva, o domínio de uma classe ou nação sobre outra não ocorre apenas pela força, mas também pela capacidade de impor sua visão de mundo através da cultura e das instituições

---

<sup>17</sup> NYE, Joseph. *Bound to Lead: The Changing Nature of American Power*. New York: Basic Books, 1990.

educacionais e midiáticas<sup>18</sup>. A hegemonia cultural, nesse sentido, é um mecanismo de controle ideológico que naturaliza a dominação e torna as hierarquias sociais aparentemente espontâneas e inevitáveis.

O conceito de Imperialismo Cultural então pode ser definido como a imposição de valores, produtos e símbolos de uma nação sobre outra, frequentemente sem o uso direto da coerção militar.<sup>19</sup> Durante a Guerra Fria, os EUA empregaram essa tática como uma forma de "soft power"<sup>20</sup>, buscando legitimar sua posição dominante no cenário global.

A política cultural dos EUA no período foi amplamente apoiada por instituições governamentais e privadas, como a Agência Central de Inteligência (CIA), o Departamento de Estado e fundações como Ford e Rockefeller. Programas de intercâmbio cultural, bolsas de estudo e financiamento de intelectuais anticomunistas foram estratégias fundamentais nesse contexto.<sup>21</sup>

O cinema norte-americano teve papel fundamental na difusão da cultura ocidental e da narrativa anticomunista. A produção hollywoodiana foi amplamente utilizada para reforçar os valores do capitalismo e da democracia liberal, em contraposição ao socialismo soviético. Filmes como *Revolta em Moscou* (1953) e *Rocky IV* (1985) retrataram a União Soviética como opressora e autoritária, consolidando estereótipos e promovendo a superioridade do "American Way of Life".<sup>22</sup>

A música também desempenhou um papel significativo no imperialismo cultural dos EUA. Gêneros como jazz e rock'n'roll foram utilizados para atrair a juventude dos países socialistas, muitas vezes sendo censurados pelos governos comunistas.<sup>23</sup> A CIA patrocinou turnês internacionais de artistas como Louis Armstrong e Dizzy Gillespie, promovendo a imagem dos EUA como uma sociedade aberta e inovadora.<sup>24</sup>

---

<sup>18</sup> GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere: Maquiavel, a política e o Estado moderno*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 3.

<sup>19</sup> SCHILLER, Herbert. *Communication and Cultural Domination*. New York: International Arts and Sciences Press, 1976.

<sup>20</sup> NYE, Joseph. *Bound to Lead: The Changing Nature of American Power*. New York: Basic Books, 1990.

<sup>21</sup> GILMAN, Nils. *Mandarin of the Future: Modernization Theory in Cold War America*. Baltimore: Johns Hopkins University, 2003.

<sup>22</sup> SHAW, Tony. *Hollywood's Cold War*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

<sup>23</sup> STARR, S. Frederick. *Red and Hot: The Fate of Jazz in the Soviet Union*. New York: Oxford University Press, 2009.

<sup>24</sup> GILMAN, Nils. *Mandarin of the Future: Modernization Theory in Cold War America*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2003.

A mídia foi outro mecanismo essencial na guerra cultural. Instituições como a *Voz da América* e a *Rádio Europa Livre* transmitiam conteúdos pró-ocidentais para populações de países comunistas, desafiando as narrativas oficiais dos regimes socialistas.<sup>25</sup> Além disso, revistas como *Time* e *Reader's Digest* foram amplamente distribuídas na Europa e na América Latina, promovendo ideais capitalistas e liberais.

A Coreia do Sul emergiu como um dos principais exemplos do impacto do imperialismo cultural dos EUA durante a Guerra Fria. Após a Guerra da Coreia, os EUA estabeleceram uma forte presença no país, influenciando sua economia, política e cultura. A adoção de modelos de consumo ocidentais, a proliferação de marcas norte-americanas e a difusão da cultura pop dos EUA foram fenômenos evidentes na sociedade sul-coreana.<sup>26</sup>

Além disso, a mídia e o sistema educacional foram amplamente moldados pelo ideal democrático e capitalista dos EUA, reforçando uma identidade nacional alinhada ao Ocidente. A indústria do entretenimento sul-coreana, que mais tarde se tornaria um fenômeno global com o K-pop e os dramas televisivos, teve suas raízes na influência norte-americana da época.<sup>27</sup>

A disseminação da cultura norte-americana não ocorreu sem resistência. Em países como França e México, intelectuais e líderes políticos denunciaram o imperialismo cultural como uma forma de neocolonialismo.<sup>28</sup> No bloco socialista, autoridades soviéticas e chinesas tentaram conter essa influência por meio de censura e promoção de alternativas culturais nacionais.<sup>29</sup> Na Coreia do Sul o movimento anti-americano foi motivado principalmente pela presença militar no país, além da repressão violenta de protestos pró-democracia, muitas vezes com a conivência dos EUA.<sup>30</sup>

Apesar dessas reações, o impacto do imperialismo cultural dos EUA foi duradouro. Com o colapso da União Soviética no final do século, a cultura norte-americana consolidou

---

<sup>25</sup> PUDDINGTON, Arch. *Broadcasting Freedom: The Cold War Triumph of Radio Free Europe and Radio Liberty*. Lexington: University Press of Kentucky, 2000.

<sup>26</sup> CUMINGS, Bruce. *Korea's Place in the Sun: A Modern History*. New York: W. W. Norton & Company, 2005.

<sup>27</sup> KIM, Youna. *South Korean Popular Culture and North Korea*. London: Routledge, 2018.

<sup>28</sup> BOURDIEU, Pierre. *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

<sup>29</sup> ZUBOK, Vladislav. *A Failed Empire: The Soviet Union in the Cold War from Stalin to Gorbachev*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007.

<sup>30</sup> SHIN, Gi-Wook e IZATT, Hilary Jan. Anti-American and Anti-Alliance Sentiments in South Korea. *Asian Survey*, v. 51, n. 6, p. 1113, 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1525/as.2011.51.6.1113>. Acesso em: 5 fev. 2025.

sua posição como a principal referência global, processo intensificado pela globalização e pelo avanço das tecnologias de comunicação no século XXI.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> NYE, Joseph. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. New York: PublicAffairs, 2004.

## **CAPÍTULO II – Educação como ferramenta de influência cultural: O Financiamento de Bolsas de Estudo pelos EUA**

### **2.1 Histórico dos programas de intercâmbio educacional**

A educação foi fortemente usada como um instrumento de promoção da política cultural norte americana internacionalmente. Os programas de intercâmbio educacionais foram uma das ferramentas pelas quais os Estados Unidos buscaram influenciar outros países conforme seus interesses. O sucesso desse processo deve-se ao modelo norte-americano de ensino superior, que se fundamenta em uma intensa produção acadêmica e na formação de profissionais altamente qualificados. Esse modelo desempenhou um papel crucial na manutenção e expansão da hegemonia dos Estados Unidos no ensino superior em escala global.<sup>32</sup> Seu principal propósito é estabelecer e fortalecer uma rede internacional de formadores de opinião, promovendo o conhecimento e a afinidade com os valores e ideais norte-americanos, de modo a atender aos interesses estratégicos do país a longo prazo.<sup>33</sup> Associada a essa valorização da pesquisa e do saber, destaca-se a liderança dos Estados Unidos na oferta de bolsas de estudo em diversas áreas do conhecimento.

No contexto do intercâmbio educacional promovido pelos Estados Unidos, há, de um lado, os estudantes americanos, que, idealmente, funcionam como difusores de sua própria cultura, língua e costumes, e, de outro, os estrangeiros. O foco recai sobre os impactos dessa experiência na formação dos acadêmicos estrangeiros, pois são eles que terão contato direto com a cultura norte-americana, assimilando aspectos da vida econômica, política e social do país.<sup>34</sup> A partir dessa vivência, suas percepções e visões de mundo poderão ser influenciadas, levando consigo esses valores ao retornarem para seus países de origem. No futuro, ao ocuparem posições de liderança ou se tornarem influentes em suas sociedades, terão o potencial

---

<sup>32</sup> CARNOY, Martin. *University expansion in a changing global economy: triumph of the BRICS?* Stanford, California: Stanford University Press, 2013, p. 13.

<sup>33</sup> SCOTT-SMITH, Giles. *“Mapping the Undeivable: Some Thoughts on the Relevance of Exchange Programs within International Relations Theory”*. In The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science, 616:1 2008, p. 181.

<sup>34</sup> POTTER, Evan H. *Canada and the New Public Diplomacy. Discussion Papers in Diplomacy*. Haia: Netherlands Institute of International Relations ‘Clingendael’, 2002, p. 4. Disponível em [https://www.peacepalacelibrary.nl/ebooks/files/Clingendael\\_20020700\\_cli\\_paper\\_dip\\_issue81.pdf](https://www.peacepalacelibrary.nl/ebooks/files/Clingendael_20020700_cli_paper_dip_issue81.pdf), Último acesso: 8 fev 2025.

de difundir e replicar ideias, princípios e informações sobre os Estados Unidos em escala transnacional, além de atuarem como mediadores dentro de suas redes profissionais e sociais.<sup>35</sup>

É impossível falar sobre intercâmbio educacional na Coreia do Sul sem destacar o papel central da *United States Information Services* (USIS) no desenvolvimento direto desses programas. Na década de 60, havia centenas de postos da USIS ao redor do mundo, sendo coordenados pela *United States Information Agency* (USIA), com sede em Washington. Essa robusta organização foi responsável pelo planejamento e implementação de atividades de propaganda e cultura em países estrangeiros, tanto na esfera americana de poder, quanto na soviética. O objetivo central da agência era cultivar uma relação amigável para com os Estados Unidos e a aceitação da liderança americana rumo ao dito “mundo livre”.<sup>36</sup>

Wol-san Liem, em sua tese *Telling the ‘truth’ to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967* (2010) se dedica a revelar de que forma o governo americano usava a USIS-Coreia para influenciar política e culturalmente a recém formada Coreia do Sul. Assim como em outros países, o governo americano se utilizou da propaganda cultural para injetar seus próprio valores e perpetuar sua posição hegemônica. A propaganda na Coreia do Sul se dividiu em várias vertentes, desde a distribuição de filmes, ampliação do rádio, televisão, música, influência midiática e financiamento educacional com programas de intercâmbio. Este trabalho se concentra especificamente no financiamento educacional e de que forma a USIS-Coreia enxergou na educação uma forma eficiente de moldar a cultura e a sociedade coreana.

No contexto especificamente da Coreia do Sul, Liem (2010) aponta que desde antes do fim da Guerra da Coreia, os programas de intercâmbio estadunidenses já eram uma estratégia de propaganda e imperialismo cultural no exterior.

“A Lei Smith-Mundt de 1948, criou um programa de intercâmbio de visitantes, sob o qual médicos americanos, instituições científicas e acadêmicas poderiam se registrar no Departamento de Estado para receber estagiários de países em desenvolvimento na esfera americana, por eles próprios selecionados, com o objetivo de “promover melhores relações através do intercâmbio educacional e ajudar o desenvolvimento de outros países, fornecendo treinamento em habilidades” (Tradução livre)<sup>37</sup>

<sup>35</sup> SCOTT-SMITH, Giles. “Mapping the Undeniable: Some Thoughts on the Relevance of Exchange Programs within International Relations Theory”. In *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 616:1 2008.

<sup>36</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the ‘truth’ to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 2/3.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 218. “The Smith-Mundt Act of 1948 (Public Law 402) had set up an Exchange-visitor Program, under which American medical, scientific and academic institutions could register with the State Department to host trainees from developing countries in the American sphere whom they themselves selected, with the goal of,

Foi um programa muito popular na Coreia, principalmente no campo da medicina e ciências, com mais de 2500 instituições cadastradas até o fim da década de 50. Apesar das instituições terem autonomia para escolherem os estudantes de intercâmbio, geralmente recebiam a orientação da USIS, uma vez que não havia familiaridade com o mundo educacional coreano. Através disso, a agência conseguia direcionar candidatos alinhados com a USIS e atingir os objetivos da política cultural.<sup>38</sup>

Antes da guerra, um acordo com a fundação Fullbright já havia sido assinado, no entanto, as condições instáveis do país impediram que o programa fosse para frente.<sup>39</sup> Com o fim da guerra, há uma expansão do programa, passando a ser coordenado pelo Serviço de Intercâmbio Educacional Internacional e o Departamento de Estado.

“Este programa proporcionou oportunidades para um número fixo de ‘estudantes’ (na verdade, jovens professores) para estudar em universidades nos EUA e para ‘especialistas’ e ‘líderes’ de diversas categorias, incluindo mídia, educação, governo, administração pública, direito e indústria que receberão treinamento para 5 e 2-3 meses, respectivamente, em instituições americanas relacionadas às suas áreas.”<sup>40</sup>

O programa não só enviou estudantes para os EUA, com também trouxe especialistas americanos para a Coreia com o intuito de promover palestras sobre assuntos que vão desde a imprensa em um ambiente democrático, até sociedade, arte e música.<sup>41</sup>

Durante a década de 50, há uma expansão do programa de intercâmbio, incluindo assim educadores de escolas e universidades, deputados nacionais, membros da imprensa e da polícia. À medida que os resultados são considerados positivo pelos agentes da USIS, o programa crescia, atingindo indivíduos de diversas outras áreas, incluindo, esportes, artes e negócios.<sup>42</sup>

Nesse mesmo período, vários outros programas de intercâmbio trabalharam com a USIS para a cooptação de membros. Como aponta Liem (2010), O Exército dirigia um programa muito maior em termos de número de beneficiários, em torno da casa dos milhares.<sup>43</sup> A *International Cooperation Administration* (ICA) também tinha um programa que enviou 1.168 coreanos aos EUA para treinamento técnico entre 1955 e 1958. Além da instrução em seus

---

“promot[ing] better relations through educational exchange and to assist the development of other countries by providing training in special skills.”

<sup>38</sup> Ibidem, p. 219.

<sup>39</sup> Apenas 41 bolsistas coreanos foram enviados para os EUA no âmbito do programa do Departamento de Estado durante os 3 anos de guerra, metade do número total enviado apenas em 1955. LIEM, 2010, p. 220.

<sup>40</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the ‘truth’ to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 220.

<sup>41</sup> Ibidem.

<sup>42</sup> Ibidem, p. 221.

<sup>43</sup> Iniciado durante a guerra em 1952, o programa do Exército enviou milhares de oficiais alistados para treinamento de curto prazo nos EUA até o final da década de 1950. LIEM, 2010, p. 221.

campos específicos, a intenção era que os beneficiários desses programas fossem expostos à cultura americana durante o período que ficaram nos EUA.<sup>44</sup>

Além disso, Universidades e organizações privadas, incluindo a Fundação Americana-Coreana, Comitê para a Ásia Livre, Associação Coreana de Agências Voluntárias, Fundação Rockefeller, MIT, Southern Methodist University e Harvard-Yenching Institute também realizaram seus próprios programas de intercâmbio. Desses, a Fundação Americana-Coreana era o principal, uma vez que o público-alvo do Departamento de Estado e dessas instituições eram similares. A partir disso, a USIS estabeleceu um Comitê de Coordenação, composto por USIS, Fundação Ásia, a Fundação Americana-Coreana e os presidentes das principais universidades, para facilitar o planejamento e a eficácia do programa.<sup>45</sup>

Oficiais da USIS também realizaram atividades de acompanhamento com os bolsistas de outros programas após seu retorno, buscando manter relacionamentos positivos e incluir esses indivíduos em sua programação. Ao fazê-lo, puderam utilizar os programas de intercâmbio geridos por outras organizações, além do programa do Departamento de Estado como um meio para criar os “formadores de opinião” pró-americanos centrais para o seu trabalho.<sup>46</sup>

## 2.2 Objetivos declarados e implícitos do programa intercâmbio

Com o fim da Guerra da Coreia e à medida que a década de 50 avançava, a USIS passou a direcionar suas atividades ao que eles consideravam o grupo mais estratégico e economicamente eficiente para se trabalhar, os ‘formadores de opinião’. Era uma estratégia comumente usada por Washington em outros países, a de cooptar pessoas capazes de disseminar os ideais norte-americanos para a população sem que pareça se tratar de um porta voz direto do governo dos EUA. No entanto, na Coreia do Sul, essa estratégia enfrentaria dificuldades.

O novo diretor de Relações Públicas, Robert P. Speer, avaliou que situação no país não era favorável para as intenções do governo. Isso porque em sua visão, o país seria “1) subdesenvolvido economicamente; 2) atrasado culturalmente; 3) nominalmente democrático ou pelo menos não comunista, [e] 4) autoritário na administração interna.” (tradução livre). Segundo a sua avaliação, não havia nenhum formador de opinião digno de menção. Além disso, em sua percepção sobre as elites sociais, que normalmente eram o grupo alvo mais usado para

---

<sup>44</sup> Ibidem, p. 221.

<sup>45</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the ‘truth’ to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 222.

<sup>46</sup> Ibidem, p. 222.

formar a opinião pública, é de que havia poucas chances de influenciar o governo ou sentimento popular, uma vez que o controle sobre a liberdade de expressão era forte. Ele conclui que trabalhar com formadores de opinião teria pouco resultado no presente, valendo apenas como uma estratégia a longo prazo para depois da morte de Rhee. <sup>47</sup>

Rapidamente Speer deixa o cargo e no ano seguinte, o relatório de John McKnight, seu substituto, é mais otimista. Ele acredita que se os formadores de opinião não existiam na Coreia do Sul, então caberia a USIS criar canais pelos quais as mensagens seriam carregadas para os coreanos.

“[O] pensamento atual da agência é que dinheiro e esforço são melhor concentrados em líderes de organizações que podem tomar medidas úteis em nome dos objetivos da USIA; mas esta abordagem admirável não tem validade para a Coreia, uma vez que... não existem organizações coreanas (não governamentais) eficazes; nessas circunstâncias, o USIS-Coreia pode ter que trabalhar para criar tais organizações. Outro exemplo: os jornalistas coreanos escrevem agora uns para os outros, e não para as massas; até isso mudou, o USIS não pode usar jornais coreanos para transmitir sua mensagem para o povo; portanto, cabe ao USIS-Coreia tentar revolucionar o jornalismo do país, para que se torne um meio eficaz. Um terceiro e último exemplo: aprender inglês pode ou não influenciar favoravelmente as atitudes dos aprendizes em relação às democracias de língua inglesa e suas políticas; mas a USIS-Coreia sente-se obrigada a fazer tudo o que podemos para promover o ensino de inglês para os coreanos porque os canais de comunicação coreanos não são adequados para transmitir as ideias da USIS.” (Tradução Livre)<sup>48</sup>

A partir daí, USIS-Coreia faria esforços significativos nos próximos anos para criar esses transmissores, sendo tanto indivíduos quanto instituições, que poderiam propagar informações positivas sobre os Estados Unidos e criar um ambiente favorável aos objetivos e à liderança dos EUA.

Isso significava dirigir a maior parte do seu trabalho a públicos específicos da elite, incluindo funcionários do governo, trabalhadores da imprensa e da cultura, educadores e intelectuais. Embora estivesse claro que as pessoas que procuravam cultivar teriam influência limitada sob Rhee, a USIS empenhou-se em usá-los, especialmente membros da imprensa, para conscientizar o público sobre as posições políticas dos EUA mesmo, e às vezes especialmente, quando estes entravam em conflito com a posição do governo sul coreano. Também era esperado que, um grupo principal que se tornariam líderes sociais e políticos após o fim da administração de Rhee, fosse desenvolvido.<sup>49</sup>

<sup>47</sup> "Classification of Audience Groups" 1954 apud LIEM, 2010, p. 207.

<sup>48</sup> "Semi-Annual USIS Report" 1955 apud LIEM, 2010, p. 209.

<sup>49</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the 'truth' to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 209/210.

Na posição central de moldar uma elite pró-americana estava o Programa de Intercâmbio Educacional, executado sob a jurisdição do Departamento de Estado com a USIS e a coordenação da Embaixada na Coreia. Embora o programa tenha sido realizado no Departamento de Estado e mantido nominalmente separado da USIA para evitar qualquer suspeita de que estava ligada a esforços propagandísticos, foi coordenado de forma central pela USIS e usado para desempenho geral para estratégia da USIS.

Através deste programa, profissionais coreanos de uma série de campos foram enviados aos EUA para observação e estudo, enquanto especialistas americanos foram levados à Coreia para instruir e participar de trocas culturais com os seus correspondentes coreanos. O Intercâmbio Educacional formava o núcleo central em torno do qual muitos outros elementos da política cultural foram organizados.<sup>50</sup> Sendo o conhecimento de inglês um pré-requisito para a participação no intercâmbio, era essencial que os beneficiários possuíssem um nível satisfatório da língua. Dessa forma, no final da década de 1950, a USIS concentrou-se em melhorar o conhecimento da língua inglesa entre as elites da Coreia. O treinamento antes da partida, geralmente, incluía ensino intensivo do idioma para garantir que os participantes tenham as habilidades apropriadas para se comunicar com seus anfitriões nos Estados Unidos e absorver o conhecimento alcançável através da observação das instituições e da sociedade americana.<sup>51</sup>

Além disso, o inglês era mais do que apenas outra língua estrangeira, era a “língua do conhecimento moderno”. Apenas com o domínio do inglês, os atuais e futuros líderes da Coreia poderiam ter acesso às ideias e à formação de que necessitavam para promover o sistema econômico, político e social do seu país. Assim, os responsáveis pela política cultural passaram a ensinar inglês e a treinar aqueles que ensinariam os jovens da Coreia, com o objetivo de que o inglês se tornasse a segunda língua da Coreia, substituindo o japonês colonial.<sup>52</sup>

A princípio, o foco da USIS estava em estabelecer um grupo de elites com laços estreitos com os EUA, podendo se tornar a liderança coreana de um futuro distante pós-Rhee.<sup>53</sup> O programa pretendia “incutir respeito pela liderança, instituições, sistema econômico, vida intelectual e cultural, e para uma melhor compreensão de que a moral, fatores religiosos e espirituais contribuem para a formação do personagem americano e motivar o estilo de vida

---

<sup>50</sup> Ibidem, p. 209/210.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 215/216.

<sup>52</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the 'truth' to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 216.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 227.

americano.” (tradução livre).<sup>54</sup> Além disso, iniciou-se uma “Campanha da Verdade”, que consistia em explicar a verdade da política dos EUA e a demonstração da superioridade da cultura americana. Essa campanha visava conquistar corações e mentes para longe do comunismo e para o campo do mundo livre.

“A manutenção da República da Coreia como livre, independente e capaz de resistir à agressão e subversão comunistas é essencial para os interesses de segurança dos Estados Unidos... Quanto mais firme for a base de orientação para os Estados Unidos que pode ser estabelecida agora na República da Coreia, mais fácil deverá ser garantir que uma Coreia livre, independente e unida estará alinhada com o Mundo Livre.” (Tradução livre)<sup>55</sup>

Essa ‘liberdade’ e ‘mundo livre’ se direciona mais em se livrar do comunismo do que de fato promover liberdades concretas.<sup>56</sup>

Os objetivos do programa não mudaram drasticamente entre o fim da guerra e o final dos anos 60. No entanto, houve uma mudança sutil na ênfase. Enquanto os responsáveis pela política cultural sempre apresentaram o “*American way of life*” como um exemplo de democracia a ser seguido pelos coreanos, nos anos imediatamente após a guerra, o fortalecimento das práticas democráticas na Coreia do Sul foi muito menos uma preocupação inicial do que a de obter consentimento para as políticas dos Estados Unidos e promover sentimentos pró-EUA. Os responsáveis pela política cultural concentraram-se muito mais em injetar valores democráticos específicos, como a liberdade de imprensa e debate público, uma vez que, o interesse era menos sobre construir essa mentalidade democrática e mais sobre estabilidade política.<sup>57</sup> A insistência nos princípios e práticas democráticas, e o apoio da USIS aos coreanos que os exigia, tornou-se central em momentos em que as políticas do governo da Coreia do Sul estavam em desconformidade com os objetivos dos EUA e ficaram em segundo plano quando havia satisfação com a direção que estava sendo tomada pelo governo, sem qualquer correlação muito forte com os avanços na democracia coreana.<sup>58</sup>

No final da década de 1950, o objetivo de ensinar práticas democráticas e a expectativa de que os beneficiários as implementassem após o retorno ao seu país foram declaradas em comunicações referentes ao Programa de Intercâmbio Educacional. Na segunda metade de 1957, nas propostas para o próximo ano foi acrescentado como objetivo do programa “proporcionar conhecimento na área especial de cada participante para melhor equipá-lo no

<sup>54</sup> “*Educational Exchange: Prospectus Call 1955-56*” apud LIEM, 2010, p. 228.

<sup>55</sup> “*Program Planning Analysis of Educational Exchange Related to Person-to-Person Activities for Korea, 1954*” apud LIEM, 2010, p. 228.

<sup>56</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the ‘truth’ to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 228/229.

<sup>57</sup> Ibidem, p. 223.

<sup>58</sup> Ibidem, p. 224/225.

seu próprio domínio após o regresso, e ajudá-lo a contribuir para o desenvolvimento da democracia na Coreia” e “trazer uma compreensão e respeito pelas realizações acadêmicas e científicas americanas, que tem valor para o mundo inteiro.”<sup>59</sup>

Em 1958, o ensino de conceitos e atitudes necessárias para o desenvolvimento democrático foram dadas como as principais prioridades para o Programa de Intercâmbio Educacional e o trabalho geral da USIS. Supunha-se que ao testemunhar e aprender sobre a sociedade dos EUA e suas 'instituições democráticas', os coreanos naturalmente compreenderiam e apoiariam as políticas dos EUA na Coreia e na Ásia Oriental. Ao mesmo tempo, aprender sobre os valores e sistemas americanos dariam aos coreanos as ferramentas de que necessitavam para promover a democratização e modernização do seu país. Na verdade, os coreanos aprenderiam, não apenas os princípios e práticas da democracia, mas também estratégias de gerenciamento e organização necessária para “assumir mais responsabilidade nos assuntos nacionais.” Esperava-se que o desenvolvimento político e social coreano seguiria o caminho traçado pelos EUA.<sup>60</sup>

Imediatamente após a guerra, quando as principais preocupações dos decisores políticos norte-americanos eram com a possibilidade de outro ataque comunista ou que Rhee rompesse o armistício marchando para o norte, o programa de intercâmbio concentrou-se em promover a aceitação da liderança dos EUA pelos coreanos. Os objetivos do programa começaram a mudar à medida que a ameaça de uma nova guerra diminuía. Ao fazer isso, os americanos se sentiram mais livres para se concentrar em modelar uma Coreia do Sul que se adaptasse aos requisitos de suas metas econômicas e políticas de longo prazo. O governo de Rhee sempre foi ditatorial, todavia os EUA foram relativamente tolerantes com suas táticas autoritárias anteriormente, quando ele era considerado um ferrenho anticomunista e o único líder potencialmente forte para enfrentar as ameaças à segurança.<sup>61</sup>

No final da década de 1950, os funcionários da embaixada, cada vez mais impacientes com a intransigência de Rhee, começaram a cogitar a ideia que apoiar a ascensão da oposição de Rhee no Partido Democrata seria mais favorável aos interesses dos EUA. Através do programa de intercâmbio, os responsáveis pela política cultural procuraram cada vez mais formar um grupo de elites com princípios e práticas que consideravam favoráveis ao

---

<sup>59</sup> “*EDUCATIONAL ECHANGE: Country Program Proposal, Fiscal Year 1959*” 1957 apud LIEM, 2010, p. 232.

<sup>60</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the ‘truth’ to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 232/233.

<sup>61</sup> *Ibidem*, p. 234/235.

desenvolvimento político e econômico do país e incentivá-los a exercer influência no presente, bem como aspirar a isso no futuro.<sup>62</sup>

As atividades da USIS basearam-se no discurso da Guerra Fria que moldou a política externa dos Estados Unidos durante o período, com foco em temas anticomunistas orientados para a segurança durante e após a Guerra da Coreia, e que cada vez mais deu lugar a temas de democracia moderna e desenvolvimento econômico no final da década de 50, reformulando-o para se adequar ao contexto coreano. O planejamento e desenvolvimento contínuo do programa de intercâmbio, acabou então resultando na plena articulação de uma ideologia na qual os EUA detinha o papel natural de professor de práticas modernas e democráticas para uma nação desenvolvida, bem como o de líder do Mundo Livre.<sup>63</sup>

### **2.3 Destinatários das bolsas: perfil socioeconômico, áreas de estudo e resultados esperados**

Os participantes coreanos dos programas de intercâmbio educacional eram escolhidos através de um processo altamente seletivo. As oportunidades de intercâmbio foram divulgadas pela primeira vez em universidades e organizações com foco de projetos específicos, como a Ordem dos Advogados da Coreia, o Supremo Tribunal e o Ministério da Justiça. Assim que as inscrições foram recebidas, funcionários da Embaixada e do USIS fizeram seleções iniciais, geralmente com assistência de profissionais coreanos em áreas relevantes, às vezes com funcionários do governo coreano. Os arquivos dos indicados eram então enviados ao Departamento de Estado para aprovação final. A Comissão Fulbright, composta pelo Diretor de Assuntos Públicos da USIS, Diretor de Assuntos Culturais, Diretor Executivo e vários funcionários coreanos e americanos, assumiram a seleção dos participantes do programa após sua criação em 1960.<sup>64</sup>

Para se qualificar para a seleção, os candidatos precisavam atender a padrões rigorosos em termos de formação educacional, experiência profissional e habilidade na língua inglesa. Também precisavam ter o apoio total das suas instituições de origem e a promessa de uma posição segura para voltar depois de ter estado nos EUA.<sup>65</sup> Em 1955, para tornar o processo seletivo mais estratégico, a Embaixada iniciou um registro de 'pessoas-chave' em cada área estratégica da sociedade coreana, estimando seus números e mantendo um arquivo com informações de perfis individuais. Este sistema, através do qual os responsáveis pela política

---

<sup>62</sup> Ibidem, p. 236.

<sup>63</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the 'truth' to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 237.

<sup>64</sup> Ibidem, p. 393.

<sup>65</sup> Ibidem, p. 394.

cultural poderiam calcular a proporção de ex-beneficiários em relação ao número total de pessoas-chave<sup>66</sup> em cada categoria, ajudou-os a decidir como priorizar diferentes campos e o número de subsídios para propor ao Departamento de Estado em cada um.

Entre os grupos de maior interesse estratégico para a USIS, os principais eram os jornalistas, políticos e legisladores. Dentre eles, os jornalistas foram o grupo mais importante e bem-sucedido do programa. O interesse se dava, em grande parte, ao papel principal dos jornais e outras fontes de mídia na formação da opinião pública e o fato de que jornalistas e editores alinhados dos EUA estavam em boa posição para atuar como porta-vozes da política americana, principalmente quando ela estava em desconformidade com a posição do governo coreano.<sup>67</sup>

Buscando aumentar o apoio à política dos EUA e o respeito pela liderança dos Estados Unidos no processo de disputa pela hegemonia com o regime desafiador de Rhee, os jornalistas selecionados para participar do programa de intercâmbio eram de jornais que expressaram opiniões altamente críticas ao regime, como o conhecido jornal católico *Gyeonghyang sinmun* (Gyeonghyang Pecado).<sup>68</sup> A USIS também deu apoio financeiro para cobrir as despesas operacionais do *Sasanggye* (Mundo de Pensamento), um jornal que muitas vezes criticava abertamente o governo da Coreia do Sul. Quando Rhee e o Partido Liberal tomaram medidas que os EUA desaprovaram, como a revisão unilateral da Lei de Segurança Nacional em 1958, foram disponibilizados artigos para serem impressos no *Sasanggye* que expressava a opinião americana.<sup>69</sup>

Em 1955, ano do primeiro Programa de Intercâmbio Educacional para jornalistas, havia duas instituições que ofereciam ensino superior em jornalismo em Seul: o Instituto jornalístico de Seul (*Seoul Newspaper Institute*) que foi estabelecido durante o período colonial japonês, e o Departamento Jornalístico (*Newspaper Department*) recém-criado na Universidade Hongik, em 1954. No entanto, ambos esses programas foram voltados para o desenvolvimento de jornalistas com base nos padrões existentes, em vez de oferecerem pesquisas avançadas na

---

<sup>66</sup> “Categorias de pessoas-chave e o número de indivíduos estimado para ser em cada em 1956 eram as seguintes: Assembleia Política e Nacional (150), Jurídica (100), Administração Pública (50), Imprensa e outro meios de comunicação (80), Belas Artes (50), Educação (200), Negócios e Indústria (75), Medicina (20), Esportes (12).” (Tradução livre) “*EDUCATIONAL EXCHANGE: Estimated Budget, Fiscal Year 1958*” 1956 apud LIEM, 2010, p. 394.

<sup>67</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the ‘truth’ to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 238.

<sup>68</sup> BRAZINSKY, Gregg. *Nation Building in South Korea: Koreans, Americans, and the Making of a Democracy*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2007, p. 53.

<sup>69</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the ‘truth’ to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 240.

área. Dessa forma, os participantes do intercâmbio adotaram com entusiasmo os princípios da liberdade de imprensa e responsabilidade jornalística que estudaram durante seu tempo nos EUA. Mais do que transmitir a política dos EUA ou elogiar a sociedade americana, eles esperavam promover esses princípios pelo bem do jornalismo sul-coreano ao voltarem para casa.<sup>70</sup>

Além do interesse na imprensa, a USIS também dedicou atenção especial em membros do governo e administração pública, principalmente os que faziam parte da Assembleia Nacional. Em 1955, o primeiro plano de enviar sete deputados nacionais aos EUA para observar os órgãos legislativos americanos durante 3 meses foi recebido com entusiasmo entre os deputados nacionais, de tal forma que era difícil fazer seleções e uma expansão do programa foi proposto para o ano seguinte.<sup>71</sup>

Durante o tempo nos Estados Unidos, os participantes do programa visitaram as casas do Congresso, as legislaturas estaduais e os escritórios dos partidos políticos. A intenção era que a observação das instituições americanas fizesse com que esses legisladores pudessem ver o bom funcionamento do sistema e trabalhassem para replicá-lo em seu próprio país. A embaixada iniciou um curso preparatório com os participantes selecionados, incluindo aulas diárias de inglês nas semanas que antecederam a partida. Além de preparar os legisladores para o seu tempo nos Estados Unidos, este programa antecipado proporcionou um meio para a embaixada construir laços duradouros com os deputados nacionais que poderiam continuar a ser utilizados depois que programa acabasse, como forma de manter a influência.<sup>72</sup>

Em 1957, o primeiro grupo de prefeitos coreanos foi enviado para os EUA. Os membros escolhidos tinham conexões anteriores com a USIS e um histórico de mostrar forte apoio às atividades de política cultural. A viagem deles também estava programado “visitas a pequenos municípios americanos” com o objetivo de “obter compreensão de todos os aspectos do governo municipal e da vida comunitária. Os responsáveis pela política cultural acreditavam que aumentando o “conhecimento dos participantes sobre os Estados Unidos, sua política externa e a forma como a democracia funciona”, os tornariam mais úteis na promoção das atividades da USIS e mais capazes de fortalecer operações governamentais em suas respectivas comunidades.<sup>73</sup>

---

<sup>70</sup> Ibidem, p. 240/241.

<sup>71</sup> Ibidem, p. 246.

<sup>72</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the 'truth' to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 246.

<sup>73</sup> “EDUCATIONAL EXCHANGE: FY57 Leaders – City Mayors, 1957” apud LIEM, 2010, p. 249.

Ainda que muitas outras áreas e campos de estudo também estivessem sob o foco da USIS, o interesse maior da agência se concentrava naqueles que teriam maior capacidade de moldar a opinião pública ou que tivessem maior acesso a círculos sociais que fossem do interesse da USIS. Mais à frente, no Capítulo 3, será discutido os impactos do programa e se, de alguma forma, a política cultural atingiu os objetivos pretendidos.

## 2.4 Limitações do programa

Os dois objetivos principais do programa eram: criar um grupo de formadores de opinião alinhados aos Estados Unidos e, ao final da década de 1950, treinar as elites coreanas no funcionamento de uma sociedade democrática moderna.<sup>74</sup> No entanto, mesmo com indícios que comprovavam o sucesso do programa em atingir os objetivos, em 1959 os responsáveis pela política cultural na Coreia do Sul recomendavam que não houvesse mais expansão do projeto.

No final da década de 1950, chegou ao USIS, à Embaixada e ao Departamento de Estado que milhares de coreanos que foram estudar nos EUA falharam em retornar para Coreia após o fim do intercâmbio. O fascínio pelos Estados Unidos, fortalecido através da política cultural, estava começando a minar o princípio do programa, que era retornar para casa.<sup>75</sup> De acordo com o relatório de Intercâmbio Educacional de 1959, de pelo menos 5.000 estudantes que foram para os EUA naquele ano, apenas 650 foram registrados como tendo voltado para casa.<sup>76</sup>

Em comparação com intercambistas e outros estudantes estrangeiros patrocinados por fundações e universidades privadas não estatais, os bolsistas do Departamento de Estado eram a principal fonte do problema. Isso trazia implicações diretas para o Programa de Intercâmbio Educacional coordenado pela USIS, uma vez que o objetivo de fornecer vistos e financiamento de viagens para os coreanos estudarem nos Estados Unidos era que os EUA deveriam desenvolvê-los como líderes pró-americanos bem treinados para a Coreia do Sul.<sup>77</sup>

Além desse problema, em 1959, os agentes da política cultural constataram que não havia candidatos aptos para ingressarem no programa. Isso porque não tinham domínio

---

<sup>74</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the 'truth' to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 393.

<sup>75</sup> Ibidem, p. 462.

<sup>76</sup> “*EDUCATIONAL EXCHANGE: Request for Fiscal Year 1961 Country Proposed Program*” 1959 apud LIEM, 2010, p. 261.

<sup>77</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the 'truth' to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 261.

suficiente do inglês ou posição profissional que garantisse a necessidade de especialização no exterior.

A Embaixada em Seul “começou a questionar se uma visita de sessenta dias seria longa o suficientemente para permitir aos líderes obter uma visão clara e uma observação bem focada dos Estados Unidos quando suas observações, na maioria dos casos, são feitas através da névoa de uma barreira linguística e de muitos anos de uma experiência de isolamento em uma cultura muito diferente.” (tradução livre)<sup>78</sup>

Dessa forma, ao invés de mandar mais candidatos para os Estados Unidos, a USIS decidiu que seria mais estratégico estender a permanência nos EUA, de 2 a 3 meses, de beneficiários já existentes. Além disso, para garantir a eficácia do programa, se fazia necessário que mais atenção fosse direcionada em manter contato direto com os bolsistas após o retorno ao país. O USIS simplesmente não teria capacidade suficiente para lidar com um número cada vez maior de participantes do programa de intercâmbio, uma vez que isso exigiria dedicar mais tempo da equipe para atividades de acompanhamento.<sup>79</sup>

A escolha de dar maior ênfase ao acompanhamento, ao invés de expandir o número de bolsistas, também estava diretamente relacionada com a mudança nas metas do programa, que seria priorizar que os beneficiários se tornassem formadores de opinião no presente. Para aproveitar plenamente os participantes do programa de intercâmbio, os responsáveis pela política cultural tiveram que se certificar que eles aplicariam o que aprenderam nos EUA em suas profissões na Coreia. Isto significava não só contar aos outros o que tinham visto nos EUA, mas também continuamente ir renovando o conhecimento desenvolvido. Para isso, a USIS fez um esforço para que esses estudantes compartilhassem o conhecimento com seus colegas e o colocassem em prática em seu trabalho. Com esse propósito, os bolsistas que retornaram foram incentivados a darem palestras para colegas em suas áreas, escrever e publicar artigos sobre suas experiências nos EUA e traduzir relevantes trabalhos em inglês para serem publicados em coreano.<sup>80</sup>

Vale ressaltar, que na virada da década de 50 para 60, o governo Rhee fica cada vez mais autoritário e repressivo, minimizando quaisquer resultados positivos das tentativas de criar ‘formadores de opinião’ no presente. Quando a Revolução de Abril, liderada pelo

---

<sup>78</sup> “the Embassy in Seoul had “begun to question whether a sixty-day visit [wa]s sufficiently long to enable leaders to obtain a clear and well-focused observation of the United States when their observations, in most cases, must be made through the haze of a language barrier and many years of isolated experience in a very different culture”, “*EDUCATIONAL EXCHANGE: Request for Fiscal Year 1961 Country Proposed Program*” 1959 apud LIEM, 2010, p. 262.

<sup>79</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the ‘truth’ to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 262.

<sup>80</sup> Ibidem, p. 263.

movimento estudantil coreano, derruba o governo de Rhee, um alarme soa em Washington. Isso porque, para os EUA, a estabilidade política era mais importante que a democracia, uma vez que qualquer fervor revolucionário poderia sair do controle. Principalmente quando os protestos abordaram questões envolvendo o papel dos EUA na Coreia do sul, que só se aprofundariam na década de 60.<sup>81</sup>

Esse sentimento antiamericano na Coreia do Sul foi influenciado por diversos fatores, como a presença militar dos EUA, o apoio a regimes autoritários e os impactos culturais do imperialismo americano. De acordo com Katharine H. S. Moon (2009), o crescimento do nacionalismo coreano nesse período contribuiu para uma rejeição gradual da dependência política e econômica dos EUA. O Massacre de Masan (1960) e os protestos estudantis que levaram à queda de Syngman Rhee foram parcialmente motivados pela percepção de que os EUA apoiavam um regime repressivo.

O programa foi um meio significativo através do qual o governo dos Estados Unidos procurou exercer a sua autoridade em quase todas as áreas da sociedade sul coreana. Alguns dos resultados do programa foram bastante tangíveis. Por outro lado, o Programa de Intercâmbio Educacional e as atividades da política cultural com as elites coreanas em geral, não foram capazes de causar muito efeito durante a administração de Rhee, que continuava a desafiar as orientações políticas americanas, e nem trouxeram transformação social e política estável, como os responsáveis pela política cultural esperavam que acontecesse.<sup>82</sup>

No próximo capítulo será discutido os impactos dos programas de intercâmbio na sociedade sul coreana. Focando principalmente nos êxitos em influenciar os estudantes que voltaram do intercâmbio e causaram mudanças significativas em suas respectivas áreas. Além disso, as instituições americanas vão precisar se desdobrar para influenciar a sociedade coreana enquanto contornam a linha dura do governo de Rhee.

---

<sup>81</sup> BRAZINSKY, Gregg. *Nation Building in South Korea: Koreans, Americans, and the Making of a Democracy*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2007, p. 191.

<sup>82</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the 'truth' to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 271/272.

## CAPÍTULO III – Impactos do Programa de Intercâmbio Educacional na Sociedade Sul-Coreana

### 3.1 Transformação da elite intelectual e política sul-coreana

Não basta encarar o trabalho do Programa de Intercâmbio Educacional como um processo simples e linear envolvendo recrutamento, orientação, execução e acompanhamento. Pelo contrário, o programa de intercâmbio foi uma das vertentes de uma ampla gama de esforços desenvolvidos pela USIS para espalhar a influência americana entre as elites sul-coreanas e provocar mudanças na sociedade coreana que se acreditava serem necessárias para a vida do país futuro e, ao mesmo tempo, benéfico para a segurança e os interesses econômicos dos EUA. O papel desses esforços incluiu o estabelecimento de instituições duradouras que permaneceriam alinhadas com o pensamento americano em vários campos, servindo como um meio para difundir as ideias americanas de forma mais ampla do que os participantes do programa de intercâmbio, individualmente, poderiam.<sup>83</sup>

Como dito anteriormente, esses esforços foram concentrados principalmente em estabelecer uma relação direta com mídia, legisladores e políticos sul coreanos. A USIS destinou uma boa quantidade de recursos para estabelecer instituições que tivessem uma relação próxima com os Estados Unidos ou que ao menos sejam simpáticas aos seus ideais. Dessa forma, quando os beneficiários do programa retornavam à Coreia do Sul e apresentavam interesse em desenvolver projetos do interesse da agência, eram plenamente apoiados.

Dos onze jornalistas que participaram do primeiro programa de intercâmbio de imprensa em 1955-1956, seis eram particularmente ambiciosos em avançar seu campo. Noh Hui-yeop, Kim In-ho, Pak Gwon-sang e Jo Se-hyeon da agência de notícias *Hapdong tongsin*, Jin Cheol-su da AP e Pak Jong-hui do *Korea Times* começaram a se reunir durante sua estada em Chicago, na Universidade de Northwestern, onde estudavam, por uma questão de fraternidade e pesquisa. Ao retornarem para casa, em 11 de janeiro de 1957, fundaram oficialmente o *Gwanhun keulleop* (Clube Gwanhun) com o objetivo de promover a liberdade de imprensa na Coreia do Sul. O desejo da Embaixada e da USIS de promover um grupo de membros pró EUA na imprensa os levou a fornecer apoio ativo ao Clube *Gwanhun*. O dinheiro americano ajudou a financiar o jornal do clube, *Sinmun yeongu* (Jornal de pesquisa).<sup>84</sup>

A USIS via com entusiasmo o potencial do clube e à medida que adquiriam mais membros, estratégias para a sua expansão foram aplicadas. Em 1955, âmbito do programa de

---

<sup>83</sup> Ibidem, p. 266.

<sup>84</sup> Ibidem, p. 240/241.

especialistas do Intercâmbio Educacional, a agência trouxe a Coreia do Sul especialistas em jornalismo americano, a fim de fortalecer a influência americana na imprensa coreana. Dentre eles, provavelmente a visita que trouxe mais impacto foi a do professor de jornalismo Roscoe Ellard para uma visita de seis semanas.<sup>85</sup>

Ellard passou seis semanas dando palestras para editores, jornalistas e fazendo visitas a jornais coreanos para falar com sua equipe. Ele também falou com estudantes em seis das maiores universidades de Seul. As palestras de Ellard cobriram “o crescimento da imprensa democrática nos Estados Unidos”, “marcos no jornalismo americano” e “imprensa numa sociedade democrática”. No final da viagem, seus comentários foram compilados em um livro intitulado “Guia para Jovens Jornalistas”, de modo a estar disponível para todos os membros da imprensa mesmo após seu retorno aos EUA.<sup>86</sup>

Suas principais observações e recomendações para a imprensa coreana focaram em grande parte na inacessibilidade dos jornais aos leitores em massa e na falta de conhecimento técnico no desenvolvimento na produção. De acordo com Ellard, os jornais coreanos estavam escrevendo uns para os outros, não à grande população da Coreia, com menos de 5% dos diários indo além de Seul. Para superar este problema, os editores coreanos precisavam ser mais bem produzidos, impressos de forma mais clara, papéis maiores, escritos em linguagem mais simples. Artigos produzidos desta forma, com relatos mais objetivos, poderia então mobilizar a opinião pública em torno de soluções para os problemas mais práticos da Coreia do Sul, como infraestrutura e economia. Nos meses que se seguiram à sua visita, vários jornais importantes, incluindo o *Hankuk Ilbo*, *Gyeonghyang Sinmun* e o inglês *Korea Times* começaram a fazer alterações no suas publicações com base nas recomendações de Ellard. Estes incluíram a melhoria layout e outros esforços para atingir um público de massa mais amplo.<sup>87</sup>

No final da década de 1950, Funcionários do USIS estavam avaliando o impacto dos programas de Intercâmbio Educacional no campo como um sucesso significativo. Em 1957, o Clube Gwanhun já possuía 41 membros e a imprensa que tinha fortalecido com a ajuda americana, estava contribuindo para a democracia na Coreia do Sul. Reconhecendo o seu sucesso com os jornais, a USIS começou, no final da década de 1950, a expandir a seu programa

---

<sup>85</sup> Ibidem, p. 243.

<sup>86</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the 'truth' to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 243.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 244.

para incluir outros campos de mídia, incluindo rádio, televisão, revistas intelectuais e publicação.<sup>88</sup>

Por volta de 1958, os responsáveis pela política cultural notavam com satisfação o sucesso e esforços pessoais de ex participantes de programas de intercâmbio. O Ministro de Assuntos Internos, Ministro e Vice-Ministro da Saúde e Bem-Estar, Vice-Ministro da Educação e o Diretor do Escritório de Assuntos Gerais estiveram todos nos EUA por meio do Programa de Intercâmbio Educacional. Os participantes da Assembleia Nacional que também participaram do programa tornaram-se presidentes de comitês e escreveram artigos de jornal falando bem das instituições e do governo dos Estados Unidos. Oito deputados reeleitos em 1958 foram ex-bolsistas, quatro do programa de 1957. Embora alguns desses donatários fossem oponentes de Rhee, muitos eram membros do seu Partido Liberal. Quer sejam apoiadores de Rhee ou membros da oposição, a USIS procurou escolher participantes razoavelmente não controversos, reconhecendo que aqueles que criticassem o regime com demasiada força seriam incapazes de exercer influência no seu retorno.<sup>89</sup>

A USIS também direcionou esforços para o fortalecimento do sistema jurídico sul coreano, usando do programa de intercâmbio para levar professores de direito e juristas para introduzir aos juízes e advogados coreanos fundamentos do direito anglo-americano. Durante a estadia, dos professores americanos propuseram a criação de um *Korean Legal Center*, uma espécie de grupo de estudos de práticas jurídicas americanas, fundado em 1956 com o apoio de instituições particulares, inclusive da Fundação Ford. No final da década de 50, o Programa de Intercâmbio Educacional da USIS enviou Juízes e promotores para os EUA com o objetivo de fortalecer as atividades da organização.<sup>90</sup>

Em 1958 sete outras sociedades focadas no estudo do direito coreano, dos EUA e de outras leis estrangeiras foram estabelecidos. O Centro também publicou uma revista bimestral intitulada “Justiça”, apoiada por três bolsistas de pesquisa e traduziu a lei coreana para o inglês para o uso por agências estrangeiras e empresas. De acordo com responsáveis pela política cultural, o Departamento Jurídico do Centro Coreano serviu como um local para “estudos continuados para bolsistas que retornaram e um local para uso eficaz de especialistas dos EUA”, desempenhou um papel no incentivo à compreensão da lei Anglo-Americana e “a

---

<sup>88</sup> Ibidem, p. 244.

<sup>89</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the ‘truth’ to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 250.

<sup>90</sup> Ibidem, p. 267.

liberalização de muitas leis e procedimentos coreanos” e menos “julgamentos políticos”.<sup>91</sup> Em 1958, a USIS encorajou e ajudou membros do Centro Jurídico a visitar áreas fora de Seul incluindo Busan, Daegu, Gwangju e Jeonju para palestrar sobre a lei anglo-americana para juízes provinciais, promotores, advogados e estudantes de direito, sendo recebidos com entusiasmo. Para fortalecer ainda mais a influência dos princípios jurídicos americanos, a USIS doou mais de cem livros sobre lei americana em tradução japonesa e coreana para a biblioteca do Centro Jurídico.<sup>92</sup>

Dada a inundação de influências culturais americanas que ocorreu durante a década de 1950, é difícil quantificar o impacto do Programa de Intercâmbio Educacional em termos absolutos. É evidente, porém, que o programa foi um meio significativo através do qual o governo dos Estados Unidos procurou exercer a sua autoridade em quase todas as áreas da sociedade sul coreana. Alguns dos resultados do programa foram bastante tangíveis. O *Gwanhun Club*, por exemplo, que manteve uma postura consistentemente pró-americana, continuou a atrair membros entre os principais jornalistas e editores da Coreia do Sul nos anos de 1950 e 60, tornando-se um importante representante da imprensa nas interações com o governo sul-coreano. Da mesma forma, o *Korean Legal Center* treinou os principais profissionais jurídicos da Coreia e muitos dos programas de ensino superior estabelecidos e apoiados com a assistência do programa de intercâmbio, como aqueles na Universidade Nacional de Seul, que se tornou o mais prestigiado do gênero no país.<sup>93</sup>

### 3.2 Impacto na educação e no sistema universitário

Além da fundação de organizações e instituições independentes, os oficiais da política cultural também procuraram apoiar o desenvolvimento do ensino superior em áreas que considerassem importantes. A estratégia da USIS de usar professores americanos do programa de intercâmbio para dar palestras e cursos em universidades na Coreia é particularmente importante, porque a especialidade em suas áreas permitiu que alcançassem e influenciassem muitos jovens coreanos, bem como outros educadores.

Professores influentes em seus departamentos em universidades de Seul ou em áreas provinciais eram muitas vezes escolhidos com a esperança de que seriam bons transmissores de novas ideias e práticas que aprenderiam com suas experiências de academia americana. Além disso, a USIS convidava para a Coreia do Sul professores de áreas que vão do direito à

---

<sup>91</sup> “*EDUCATIONAL EXCHANGE: Country Program Proposal, Fiscal Year 1959*” 1957 e “*EDUCATIONAL EXCHANGE: Annual Report, Fiscal Year 1958*” apud LIEM, 2010, p. 268.

<sup>92</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the ‘truth’ to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 267.

<sup>93</sup> *Ibidem*, p. 271.

literatura, que pudessem palestrar sobre os avanços que a academia americana havia feito nessas áreas.

No final da década de 1950, a USIS realizou palestras para instrutores de nível secundário e universitário que cobriram tópicos como “Princípios Fundamentais do Governo Americano”, “A Redação da Constituição e o Papel dos Partidos Políticos nos EUA”, “Governo Representativo e a Conduta dos Política Externa” e “Eleitores e Votação nos EUA”.<sup>94</sup> A USIS em Seul mantinha uma sala de leitura exclusiva para uso dos educadores e outros profissionais que continha um acervo considerável de livros selecionados para esses grupos.<sup>95</sup>

A ICA também investiu consideravelmente no ensino superior coreano, promovendo a cooperação entre universidades nos EUA e na Coreia do Sul, com o objetivo de reforçar a formação técnica. Um projeto notável envolveu um contrato entre a Universidade Nacional de Seul e a Universidade de Minnesota, iniciado em 1956, com o objetivo de fortalecer os programas de agricultura, engenharia, medicina e enfermagem, estabelecendo um programa de pós-graduação em ciências públicas e administração. O Programa de Intercâmbio Educacional apoiou este projeto fornecendo oportunidades para professores nacionais de Seul viajarem para os EUA. Além disso, os EUA incentivaram a adoção de disciplinas e metodologias de ensino superior baseadas no modelo americano. Isso incluiu a introdução de cursos de administração e negócios que enfatizavam a economia de mercado e os princípios capitalistas.<sup>96</sup>

A influência americana foi determinante na reforma do sistema educacional sul-coreano, possibilitando avanços econômicos e acadêmicos. Contudo, o investimento educacional tinha por detrás a intenção de instrumentalizar a educação para disseminar a ideologia capitalista e anticomunista entre os intelectuais coreanos e mais precisamente, a juventude coreana, plantando a semente que poderia dar frutos futuramente.

---

<sup>94</sup> “*Summary of Information Center Activities, USIS, Korea, 1959*” apud LIEM, 2010, p. 270.

<sup>95</sup> LIEM, Wol-san. *Telling the ‘truth’ to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010, p. 271.

<sup>96</sup> SEO, Jungmin. *American Influence on South Korean Education Reform, 1945–1970*. Seoul: Yonsei University Press, 2015.

## **Considerações Finais**

A influência dos Estados Unidos no período pós-Segunda Guerra Mundial e durante a Guerra Fria foi determinante para a construção da estrutura política, econômica e cultural da Coreia do Sul. O financiamento de bolsas de estudo e os programas de complemento educacional contribuíram para um papel estratégico na disseminação da ideologia capitalista e na formação de uma elite sul-coreana alinhada aos interesses norte-americanos.

Embora a mensuração exata do impacto dessas iniciativas sobre a sociedade sul-coreana seja complexa, este estudo buscou demonstrar que tais programas não apenas fortaleceram a qualificação acadêmica e profissional dos beneficiários, mas também atuaram como instrumentos de influência ideológica. A ascensão de ex-bolsistas a posições de destaque no governo, na imprensa e na administração pública reforça a eficácia dessas estratégias na consolidação da hegemonia dos EUA sobre a Coreia do Sul.

Nesse sentido, o financiamento de bolsas de estudo pelos EUA pode ser interpretado não apenas como um investimento no progresso educacional, mas também como um mecanismo de poder, alinhado às concepções de imperialismo cultural discutidas por Said (1995) e Schiller (1976). O legado desse período permanece evidente até os dias atuais, uma vez que a Coreia do Sul continua inserida na esfera de influência norte-americana, consolidando-se como um país capitalista e altamente industrializado. Essa trajetória histórica influencia diretamente nas relações bilaterais, no sistema educacional e no debate sobre a identidade nacional na Coreia do Sul, evidenciando a profundidade e a longevidade dos impactos dessas políticas.

## Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste*. Cambridge: Harvard University, 1984.

BRAZINSKY, Gregg. *Nation Building in South Korea: Koreans, Americans, and the Making of a Democracy*. Chapel Hill: The University of North Carolina, 2007.

CARNOY, Martin. *University expansion in a changing global economy: triumph of the BRICS?* Stanford, California: Stanford University, 2013.

CUMINGS, Bruce. *Korea's Place in the Sun: A Modern History*. New York: W. W. Norton & Company, 2005.

GILMAN, Nils. *Mandarins of the Future: Modernization Theory in Cold War America*. Baltimore: Johns Hopkins University, 2003.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere: Maquiavel, a política e o Estado moderno*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 3.

KIM, Youna. *South Korean Popular Culture and North Korea*. London: Routledge, 2018.

LIEM, Wol-san. *Telling the 'truth' to Koreans: U.S. cultural policy in South Korea during the early Cold War, 1947-1967*. Dissertation – Department of History, New York University, New York, 2010.

MOON, Katharine H. S. *Korean Nationalism, Anti-Americanism, and Democratic Consolidation*. In: KIM, Samuel S. (ed.). *Korea's Democratization*. Cambridge: Cambridge University, 2009. Disponível em: <https://www.cambridge.org>. Acesso em: 5 fev. 2025

NYE, Joseph. *Bound to Lead: The Changing Nature of American Power*. New York: Basic Books, 1990.

NYE, Joseph. *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. New York: PublicAffairs, 2004.

POTTER, Evan H. *Canada and the New Public Diplomacy. Discussion Papers in Diplomacy*. Haia: Netherlands Institute of International Relations 'Clingendael', 2002.

PUDDINGTON, Arch. *Broadcasting Freedom: The Cold War Triumph of Radio Free Europe and Radio Liberty*. Lexington: University of Kentucky, 2000.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHILLER, Herbert. *Communication and Cultural Domination*. New York: International Arts and Sciences, 1976.

SCOTT-SMITH, Giles. “Mapping the Undeivable: Some Thoughts on the Relevance of Exchange Programs within International Relations Theory”. In *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 616:1 2008

SEO, Jungmin. *American Influence on South Korean Education Reform, 1945–1970*. Seoul: Yonsei University, 2015.

SHAW, Tony. *Hollywood’s Cold War*. Edinburgh: Edinburgh University, 2007.

SHIN, Gi-Wook e IZATT, Hilary Jan. *Anti-American and Anti-Alliance Sentiments in South Korea*. *Asian Survey*, v. 51, n. 6, p. 1113, 2011. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/10.1525/as.2011.51.6.1113>. Acesso em: 5 fev. 2025.

STARR, S. Frederick. *Red and Hot: The Fate of Jazz in the Soviet Union*. New York: Oxford University, 2009.

TOSCANO, D. M. B. *Diplomacia pública, soft power e influência dos Estados Unidos no Brasil: o Programa Fulbright e a cooperação educacional (1957-2010)*. 2017. 305. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

UNZER, Emiliano. *História da Ásia*. 2. ed. Revisada. [S.l.]: Independente, 2019.

ZUBOK, Vladislav. *A Failed Empire: The Soviet Union in the Cold War from Stalin to Gorbachev*. Chapel Hill: University of North Carolina, 2007.

### **DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE**

Eu, Ivanna dos Santos da Rocha, declaro que para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “Educação como instrumento de Hegemonia: Como os Estados Unidos influenciaram a Coreia do Sul com bolsas de intercâmbio” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília, 12 de março de 2025